Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

PÚBLICOPRIVADO: A LOUCURA DA NÃO SEPARAÇÃO[1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: O artigo elabora sobre a a noção de que o privado se estrutura pelo inconsciente, como linguagem, não sendo sinônimo de privativo. Os desdobramentos da articulação entre público e privado, situam a presença da voz e do olhar na dinâmica da estruturação do sujeito. Seja pelo discurso, seja pelo corpo, o sujeito se estrutura pelos meios que o discurso capitalista, por via de sua instrumentalização, irá se valer para assujeitá-lo. Ser capturado como objeto, pelo olhar e a voz do Outro, ainda que não seja de forma definitiva, corresponde a incluir a loucura como o efeito dessa sujeição. Há que se situar, hoje, as modalidades discursivas que promovem a atualização da políticas que organizam nosso laço social pelo gozo sacrificial, enquanto excludente, expulsante.

Palavras-chave: capitalismo; gozo; loucura; privado; público, separação.

São Paulo

2023

[1] Texto escrito em São Paulo, em 24 de outubro de 2016.

PRIVATEPUBLIC: THE MADNESS OF NON-SEPARATION

Abstract: The article builds up on the notion that the private is structured by the unconscious, as language, and is not synonymous with privative. The unfolding articulation between public and private situates the presence of voice and gaze in the dynamics of the subject's structuring. Whether through speech or body, the subject is structured by the means that the capitalist discourse, through its instrumentalization, will use to subject him. Being captured as an object, by the gaze and voice of the Other, even if not definitively, corresponds to including madness as the effect of this subjection. It is necessary to situate, today, the discursive modalities that promote the updating of policies that organize our social bond through sacrificial enjoyment, while exclusive and expelling.

Keywords: capitalism; enjoyment; madness; private-public, separation.

PÚBLICOPRIVADO: A LOUCURA DA NÃO SEPARAÇÃO

Segundo o discurso corrente, cotidiano, quando se fala de público se apresenta uma condição da experiência que inaugura, para cada um, um lugar na coletividade. Por isso mesmo, no sentido da constituição do laço social, a definição de público se equivale à de povo. O fato de existirem definições relativas a público externo e a público interno indica-nos que tal conceito coloca em exercício uma posição em que o sujeito se mantém em relação com outros. Contudo, há uma condição fundadora que inaugura o conceito de público, já que fazer parte dele implica que cada um não seja nomeado pelo nome próprio. A possibilidade de se valer do nome próprio, no público, é uma operação de distinção que só se realiza num segundo momento, quando ela acontece. Por isso mesmo, falar de público é falar, também, de anonimato. Na condição de pertencente ao público, seja coletividade ou público que se monta por um determinado período, por exemplo, na experiência do teatro, ou de uma reunião, se trata de um anonimato que é compartilhado pela adesão ao discurso que se encontra em jogo naquele momento. O que decide por uma condição em que a possibilidade de se valer de seu nome, pela fala com particularidade, implica uma operação de separação. Já que, ao falar através do nome próprio, deixando-se levar pela cadeia que organiza sua fala, o sujeito se separa da alienação às condições discursivas que o mantém, com outros, fazendo parte do público.

Desde o que foi exposto encontramos uma dupla operação, já que, falar em público, fazendo parte dele, revela que o sujeito estrutura e manifesta sua condição de particularidade, somente a partir de suas relações com outros. Nesse sentido, fazer parte do público implica admitir uma operação primeira, realizada pelo sujeito, de consentimento à entrada do público, nele, para fazer parte dele, público. É, portanto, a partir de sua presença na relação com o público que o sujeito se faz escutar junto aos outros, naquilo que lhe é próprio. A concepção de público, tanto quanto a de privado, pela Psicanálise, não se confunde com uma lógica de exclusão, desde a qual privado e público se oporiam como dentro e fora.

Partindo do princípio de que a descoberta freudiana do inconsciente promove, na constituição do sujeito, as marcas pelo que vem do Outro, podemos afirmar que não há privado que não seja estruturado pelo que vem do público, enquanto o outro nome da linguagem, tanto quanto do discurso do Outro. Poder dar destaque a isso permite elucidar que a noção de privado se estrutura pelo inconsciente, como linguagem. Assim se esclarece que privado não é sinônimo de privativo, já que o privado vem à tona, mesmo quando não se tem intenção de revelá-lo,

privando-se com censuras, tal como na experiência de uma análise.

É preciso insistir que, se se podem admitir as bases desde as quais, pela Psicanálise, se sustentam os conceitos de público e privado, tal como indicados, isso significa que resta incluir um segundo e terceiro tempos dessa articulação, de forma a indicar seus desdobramentos. Estes, primeiramente, situam a presença da voz e do olhar na dinâmica da estruturação do sujeito. A condição de o sujeito poder responder de forma distinta, ou seja, realizando significações simbólicas daquilo que vem pelo discurso do Outro, revela sua participação na voz, pelo uso do significante numa posição diferenciada. Nesse sentido, essa operação é sinônima de "incorporar a voz como a alteridade do que é dito" (Lacan, 1962-1963, p. 300). Essa operação vai promover a presença fugaz do sujeito, pela enunciação. Posta em cena da divisão, quem fala?

Ocorre que, por não ser somente sujeito de um discurso que funda sua existência pelo inconsciente, desde a linguagem, o sujeito se faz contar, também, através da posição que ocupa no fantasma. O que significa que é desde essa posição no fantasma, como objeto, que o sujeito se empenha em se manter recíproco ao que ele supõe que o Outro deseja dele. Pode-se notar, assim, que o fantasma é o que concorre, enquanto um empuxo, para a desaparição de cena do sujeito do desejo. Contudo, ao consentir na castração, que vem pela linguagem, o sujeito cai dessa posição no fantasma como objeto de um gozo que o assujeita. O gozo do fantasma, enquanto aquele que é sinônimo daquilo que assujeita, pela suposição de um desejo no Outro dirigido a ele, permite mostrar que o fundamento desse gozo passa primeiramente por duas bordas corporais, o olhar e a voz. Ou seja, o ser sujeito que vem pelo significante é também estruturado pelo gozo, enquanto sinônimo das marcas deixadas pelo Outro, no corpo do sujeito.

Há, portanto, um gozo do olhar na medida em que ele não se confunde com o ver. Por isso mesmo, o objeto olhar excede ao que se apreende pelo referente da percepção visual. Ele se estrutura como não visto, ou seja, "como fascinação pelo que supõe existir e, ao mesmo tempo, fazendo incidir uma divisão, qual seja, a de que "há um desejante, por trás do desejável" (LACAN, 1962-63, p.296). Consequentemente, não há como realizar uma satisfação esperada pelo encontro com um objeto, vivido como perdido, estruturado como faltante. Não há imagem dele. Ela se faz para se perder.

De outra parte, podemos afirmar que a voz participa, enquanto objeto da pulsão invocante, na constituição das bordas corporais, a partir das quais um sujeito irá se estruturar como corpo. Nesse sentido, a voz não se confunde com o que é sonorizável, mas sim como sinônimo de abertura ao Outro, através da abertura dos ouvidos. Há uma precedência da

pulsão invocante que não é cronológica. Ela se faz notar pelo movimento do bebê que vira o rosto para olhar, a partir da voz. Se a questão não se mostra pelo sonorizável, isso significa que, antes ainda de virar o rosto para o lugar de onde vem a voz, foi preciso a instauração de um tempo que tornou possível a inscrição de uma borda. Isso permite que os discursos que depois, mais tarde, um sujeito irá se incluir, serão primeiramente marcados pelos efeitos da voz do Outro sobre seu corpo, devido à "improvisação materna" (VIVES, 2016), tanto quanto de sua ausência.

Por que se lembrar da voz na constituição do sujeito, pela condição de objeto da pulsão invocante, tanto quanto do olhar, como objeto da pulsão escópica? Porque dessa maneira se pode articular que, seja pelo discurso, seja pelo corpo, o sujeito se estrutura pelos meios que o discurso capitalista, por via de sua instrumentalização, irá se valer para assujeitá-lo. Significa admitir que há uma mobilização da economia pulsional do sujeito que participa diretamente da ação promovida por esse discurso. E ela assim acontece porque, em face do esvaziamento dos discursos simbólicos que a ação do discurso do capitalista promove, os sujeitos tendem a se esvaziar da condição de enunciação, apresentando-se pelos discursos que promovem admiração, ou seja, pelo que se chama o politicamente correto. Enunciados transformados em códigos de conduta, esvaziados de particularidade. É a partir dessa posição que ele se torna o admirador fascinado das imagens que lhe propõem sustentação, para além da angústia que o habita.

Pelo que foi afirmado, ser capturado como objeto, pelo olhar e a voz do Outro, ainda que não seja de forma definitiva, corresponde a incluir a loucura como o efeito dessa sujeição. Entende-se, nesse sentido, a loucura como uma "estase do ser", enquanto tempo da captura do sujeito numa posição não dialetizável. Pelo que se encontra à nossa volta, fazendo-se ver, tanto quanto escutar, existem diferentes formas de instrumentalização que determinam a junção do privado com o público, decidindo pela presença de sujeitos que procuram ser uma coisa só, ou seja, assujeitados. O fato, pouco provido de reflexão e mais de críticas, do uso do celular tanto quanto das *selfies*, nos revela que nos encontramos, ainda, na suposição de que bastaria impedir as *selfies* e as mensagens de texto que o sujeito, enfim, viria à tona. Mera ilusão. Retirem-se as *selfies*, a proliferação das mensagens, e o que se encontrará são sujeitos que não sabem mais como se contar na relação com o desejo. Eles acorrem aos consultórios, tanto quanto rapidamente são suscetíveis de partir, considerando-se curados ou desaparecendo. Por isso mesmo há uma discussão clínica, a ser estabelecida, como forma de abordar os efeitos subjetivos da incidência do olhar e da voz na constituição dos sujeitos no momento em que

vivemos. Assim, trata-se de reconhecer a loucura como aquilo que pode ser gerado pela estase do ser, num tempo de captura, pelo olhar e pela voz. Tais condições promovem a necessidade de situar os elementos que concorrem para articular intervenções clínicas nessas questões, enquanto tratamentos possíveis que a voz e o olhar permitem circunscrever.

Para dar voz ao que foi indicado, é preciso situar, hoje, as modalidades discursivas que promovem a atualização da biopolítica (FOUCAULT, 2006), tanto quanto da vida nua (AGAMBEN, 2002), ou seja, das políticas que organizam nosso laço social pelo gozo sacrificial, enquanto excludente, expulsante.

A inclusão do imigrante, do retorno do conservadorismo, do ódio, do cansaço e da decepção com a política representativa nas sociedades democráticas, num conjunto que poderia se estender com facilidade, constitui hoje um campo sobre o qual um psicanalista deve, no sentido ético, retornar, sem ferramentas enferrujadas, assim como sem a presença da verdade de forma prescritiva ou literal. Dessa maneira, mantém-se a aposta numa experiência que implica uma abertura para que a reinvenção encontre lugar. Condição de uma transmissão que promove, ao mesmo tempo, inclusão e separação. Reunião, portanto, dos elementos que participam da construção de laços que retomem o sentido da liberdade de escolha, como solidária ao vazio central da democracia.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua 1**. Trad: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LACAN, J. (1962-1963).**O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

VIVES, J-M. A improvisação materna. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://voxinstituto.com.br/biblioteca/a-improvisacao-materna/.